

Convivências e casamentos no processo migratório. Trabalhadores Brasileiros na Região Centro de Portugal¹

**Maria Gonçalves Conceição Santos²
Fernanda Maria da Silva Dias Delgado Cravidão³**

Palavras-chave: Migração; Convivências; Casamento; Brasileiro

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em evidenciar a maneira como brasileiros e brasileiras tentam criar e recriar formas de sociabilidades e convivências no processo migratório. Para isso, adotou-se o período compreendido entre junho de 2003 a janeiro de 2006 para a realização da pesquisa. Como delimitação geográfica da área de estudo, foram escolhidos os distritos de Coimbra, Aveiro e Leiria para o desenvolvimento da investigação. As discussões multidisciplinares, a leitura de autores clássicos e contemporâneos e a abordagem qualitativa e quantitativa constituíram os procedimentos metodológicos. O estudo revelou a importância das redes sociais, assim como as várias tentativas de sociabilidades, convivências e casamentos entre os brasileiros e pessoas de outras nacionalidades, nomeadamente portuguesa. Detectou-se, também, o aumento do número de mulheres que se submetem a uma migração internacional de trabalho e o casamento da maioria das brasileiras inquiridas com portugueses. No que se refere às relações conjugais, percebeu-se três realidades distintas. A primeira refere-se a brasileiros que chegaram em Portugal, no final da década de 1980, com uma melhor inserção no mercado de trabalho mais qualificado. O número de casamento com cidadã portuguesa era maior, ao passo em que a aceitação da família portuguesa era mais favorável. A segunda constituída de brasileiros que chegaram no final da década de 1990. Esses têm se casado, com maior frequência, com brasileira. Percebeu-se o aumento do número de casamentos entre os brasileiros. Esta década é marcada pela grande afluência de brasileiros em direção a Portugal. A terceira diz respeito às relações matrimoniais entre cidadã brasileira e cidadão português.

¹ Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú, Minas Gerais, Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

² Doutora em Geografia pela Universidade de Coimbra, docente da Universidade do Estado da Bahia e pesquisadora do Grupo Recôncavo.

³ Doutora em Geografia, docente da Universidade de Coimbra, Portugal, e pesquisadora do Centro de Estudos Geográficos/UC.

Convivências e casamentos no processo migratório. Trabalhadores Brasileiros na Região Centro de Portugal

**Maria Gonçalves Conceição Santos
Fernanda Maria da Silva Dias Delgado Cravidão**

Introdução

O presente trabalho é resultado da pesquisa desenvolvida na Região Centro de Portugal. O principal objetivo consistiu em estudar a maneira como os trabalhadores brasileiros integram-se ao mundo do trabalho naquela região, assim como entender as convivências, as sociabilidades e a união matrimonial entre pessoas da mesma cultura ou intercultural. Para isso, adotou-se o período compreendido entre junho de 2003 a janeiro de 2006 para a realização da pesquisa. Como delimitação geográfica da área de estudo, foram escolhidos os distritos de Coimbra, Aveiro e Leiria para o desenvolvimento da investigação. Os distritos analisados constituíram, no século XX, áreas de saída de portugueses para o Brasil e, atualmente, áreas de acolhimento de muitos brasileiros. A pesquisa identificou alguns filhos de emigrantes portugueses oriundos dos distritos de Coimbra e Leiria, com o destino ao Brasil, em épocas passadas. Isso reforça a escolha da Região Centro visto que é carente de pesquisas sobre as convivências, as relações matrimoniais e a inclusão de brasileiros no mundo do trabalho.

A compreensão das migrações internacionais envolvendo brasileiros e brasileiras é algo recente. Até a metade da década de 1950, o Brasil se caracterizava como um país anfitrião de indivíduos oriundos da Europa, África e da Ásia. Foi após 1980 que os brasileiros se engajaram no movimento internacional de trabalhadores (SALES, 2005). Isto porque foi a partir desta década que os desequilíbrios sociais e econômicos ampliaram-se no país, o que estimulou brasileiras e brasileiros a uma dispersão pelo mundo.

À medida que os grandes conglomerados econômicos ampliam o seu poder de controle sob o território, globalizando-se cada vez mais, através da aquisição das pequenas e médias empresas, ocorre o desaparecimento gradativo dos armazéns, açougues, lojas, tabernas, restaurantes tradicionais, das feiras, da cultura popular, dentre outros, para dar lugar aos fast foods, como comida a quilo, os trustes, cartéis, enfim às empresas globais. Como consequência direta presencia-se o aumento do desemprego, do subemprego e outras mazelas sociais.

O final da década de 1990 marca o crescimento da imigração brasileira em Portugal. Isso porque, os Estados Unidos, rota principal da migração brasileira, passaram a implementar uma política de restrição à entrada de imigrantes, sobretudo os de origem latina. Isso fez com que os brasileiros buscassem outros itinerários migratórios, a exemplo de Portugal, Espanha, Inglaterra e Itália.

É interessante perceber também como se dá a inclusão desses indivíduos, as convivências e as sociabilidades, no mundo do trabalho, num outro país. A problemática estudada induz a se pensar o que leva as pessoas a romperem com os medos e atravessarem o Oceano Atlântico para conhecer, muitas vezes, o desconhecido. É o que acontece com muitos brasileiros inquiridos nesta região, embora para uns, esta significou a primeira experiência migratória e, para outros, constituiu mais um itinerário migratório.

A decisão de emigrar constitui uma ruptura que marca a fronteira entre o mundo vivido e o não vivido. Com o passar dos tempos, o trabalhador brasileiro demonstra coragem, ultrapassa a grande “ponte” e ao chegar do outro lado do Atlântico supera os medos de “estar”

em outro lugar/país, tendo em vista a perspectiva de realização do sonho. As variáveis psicológicas e econômicas são importantes nesse processo. Como salientou Baganha (2001:135), as migrações internacionais são determinadas pelas desigualdades geo-econômicas entre os países e auto-sustentadas por redes migratórias formais ou informais, mas sobretudo pelo sancionamento político dos Estados envolvidos.

A proximidade da língua, o processo histórico de colonização vivido pelos dois países e a possibilidade de emigrar para os Estados Unidos, ou um outro país da Europa, constituem elementos delineadores da nova vaga da imigração brasileira. O desejo de conquistar as condições objetivas para a continuidade da vida e a necessidade de conhecer novas experiências fazem brasileiros e brasileiras chegarem ao aeroporto de Lisboa, ou ao Porto com muita vontade de trabalhar, carregando na “bagagem” esperanças e expectativas.

É nesse sentido que o presente artigo tem como propósito apresentar os resultados da investigação, desenvolvida no âmbito do programa de doutoramento em Geografia, na Universidade de Coimbra, onde abordou-se também as convivências, o papel das redes sociais e as relações matrimoniais, envolvendo integrantes da comunidade brasileira. A relevância e a atualidade deste estudo proporcionaram analisar quem são os brasileiros e as brasileiras que arriscam o “futuro longe de casa” numa migração internacional, com destino à Região Centro de Portugal. Neste texto, priorizamos elaborar uma análise sobre a cartografia da demografia portuguesa, o papel das redes no processo de convivência e sociabilidades e por fim uma análise sobre os casamentos na diáspora atlântica.

Demografia portuguesa em mutação

O entendimento das convivências e sociabilidades dos trabalhadores brasileiros, no território português, faz-se necessário conhecer os elementos da dinâmica demográfica desse país e sua relação com a população imigrante. A evolução da estrutura demográfica recente, em Portugal, ajuda a perceber algumas das razões do ritmo da imigração brasileira e outros, sobretudo da Europa de Leste. Nesse sentido, o entendimento sobre a evolução da população portuguesa constitui a base de compreensão das mudanças demográficas e da condição de Portugal ser um país de emigração e imigração.

As mudanças demográficas são notadas em todas as regiões de Portugal. A figura 1 evidencia alguns dados importantes para a análise da dinâmica populacional. A taxa de crescimento efetivo da população em Portugal é de 0,52%, ou seja, inferior a 1%. No contexto das regiões geográficas, o Algarve constitui uma exceção, com um índice de 1,49 %. O Alentejo é a região que apresenta um crescimento baixíssimo. O crescimento natural da população portuguesa é muito baixo, em média de 0,07 %. O índice sintético da população é muito reduzido, está abaixo do necessário para a substituição da população que é de 2,1 filhos por mulher. Diante deste crescimento, despertou-se a atenção para o percentual de nados-vivos fora do casamento. O índice é relativamente alto, sobretudo na Região de Lisboa e do Algarve, com 41,4 % e 45,8%, respectivamente. As regiões que apresentam um maior número de imigrantes têm percentuais altos de filhos nascidos fora do casamento. Segundo Rosa *et al* (2004:73), em 2001 verificou-se o aumento de nados-vivos em que pelo menos um dos progenitores tem a nacionalidade estrangeira, em especial a angolana e cabo-verdiana.

Figural
Elementos da dinâmica populacional

	T. crescimento efetivo %	T. crescimento natural %	T. de natalidade %	T. de mortalidade %	T. de nupcialidade %	T. de divórcio %	T. de fecundidade geral %	Índice sintético de fecundidade Nº	T. fec. na adolescência %	Nados vivos fora do casamento %
Portugal	0,52	0,07	10,4	9,7	4,7	2,2	41,7	1,4	19,6	29,1
Continente	0,52	0,06	10,3	9,7	4,6	2,2	41,4	1,4	18,8	29,4
Norte	0,42	0,19	10,2	8,3	5,2	1,9	38,9	1,3	16,9	19,5
Centro	0,42	- 0,19	9,2	11,1	4,6	2,0	38,5	1,3	15,6	24,2
Lisboa	0,74	0,24	11,5	9,1	4,3	2,7	46,5	1,5	23,0	41,4
Alentejo	0,02	- 0,38	9,2	13,0	3,8	1,8	41,1	1,4	22,2	34,7
Algarve	1,49	0,02	11,7	11,5	3,9	2,4	49,3	1,7	26,8	45,8
R.A. Açores	0,49	0,23	12,5	10,2	6,2	2,6	47,7	1,6	33,9	20,4
R. Madeira	0,52	0,16	12,2	10,7	6,0	2,5	44,3	1,5	27,7	25,2

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas, 2001 a 2004.

Por não ser o foco desta investigação, não se aprofundará a relação maternidade e nacionalidade. Não se sabe até que ponto existe alguma ligação nados-vivos fora do casamento e a população imigrante brasileira, mas far-se-á um relato com base nos depoimentos dos inquiridos. Uma entrevistada com a inicial do nome “P”, brasileira de 23 anos, 12º ano completo, residente em Leiria, que engravidou de um senhor português, relatou uma de suas experiências em Portugal: engravidou e o namorado não quis assumir a união matrimonial. Quando o bebê nasceu, o pai da criança juntamente com a família (dele) tentaram tirá-la alegando que P, mãe da criança, não teria condições de criá-la. Afirmou ter lutado com muita força para conseguir ficar com a guarda do filho.

Para isso, contou com o apoio da família, no Brasil, e do consulado brasileiro, em Portugal. Atualmente, a criança está sendo criada pelos avós maternos cuja mãe retornou para trabalhar em Portugal no intuito de sustentar o filho. Ao tentar buscar elementos para essa questão, as maiores taxas da imigração brasileira estão concentradas na Região de Lisboa e Vale do Tejo, Algarve e Centro. Este caso não constitui uma justificativa para o entendimento do número de filhos fora do casamento, mas poderá ser utilizado como elemento a estudar em pesquisas futuras.

Algumas brasileiras idealizam que em Portugal irão conseguir um trabalho bom, conhecer pessoas e quem sabe até se casar com um português, o que seria um grande passo para conseguir a cidadania. A realidade é bastante diferente, o trabalho para o imigrante é bastante pesado e mal remunerado. Criou-se um estereótipo negativo da mulher brasileira. Algumas relações interétnicas entre os dois povos não têm tido um desfecho muito feliz. Existem casos de brasileiras que engravidaram e não conseguiram a união matrimonial de fato, e quando isto acontece paira sempre um clima de tensão no relacionamento. O Consulado Brasileiro, no Porto, informou que as queixas mais frequentes, encaminhadas a este órgão, referem-se à violência doméstica, guarda dos filhos e maus-tratos nos presídios⁴.

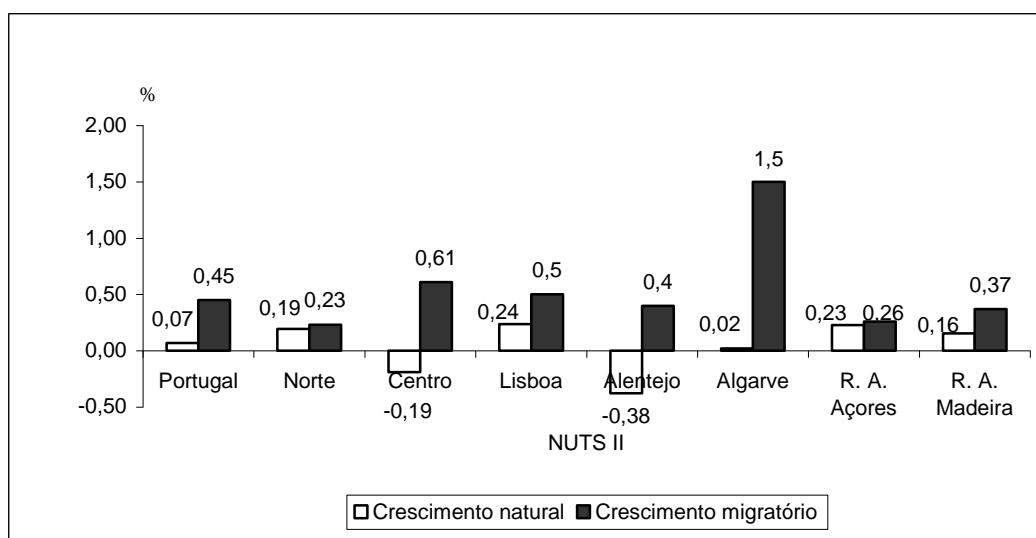
A redução da natalidade, a queda da mortalidade e a entrada da mulher no campo de trabalho, decorrentes dos avanços da ciência e da técnica e das lutas emancipatórias,

⁴ Entrevista concedida pela Cônsul do Brasil em 14/9/2005.

contribuíram para redução do crescimento natural da população portuguesa. A queda do regime salazarista e a entrada de Portugal na União Européia favoreceram a abertura do país ao capital estrangeiro, a ampliação da expectativa de vida ao nascer e a emancipação da mulher, com a dedicação aos trabalhos fora do espaço doméstico. Assim, diante do envelhecimento e da diminuição da população jovem de origem portuguesa, aumentam as preocupações com a segurança social, com a produtividade e com o crescimento da população. Estas necessidades estimulam a abertura do país para as perspectivas de contratação de trabalhadores imigrantes, sobretudo na área da restauração.

Ao analisar a figura 2, percebe-se que o crescimento natural da população como um todo é baixo, menor que 1%, em todas as áreas geográficas, e, em algumas, o crescimento foi negativo. As Regiões do Alentejo e Centro, por exemplo, tiveram crescimento negativo, sobressaindo com -0,38% e -0,19%, respectivamente. As regiões Alentejo e Centro, mais envelhecidas, tiveram crescimento negativo, uma vez que o índice de natalidade foi muito baixo. Observou-se que o crescimento efetivo da população só foi possível em função das migrações internacionais, nomeadamente a contribuição dos imigrantes nas Regiões Centro, Alentejo e Algarve.

Figura 2
Crescimento efetivo da população, por NUTS II

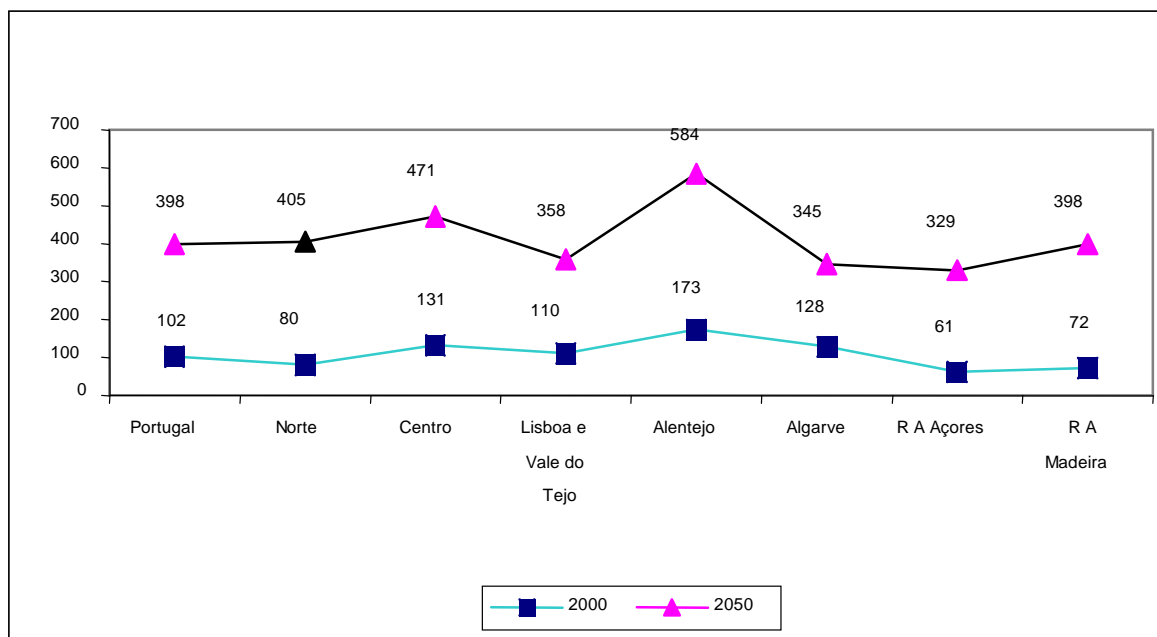


Fonte: INE, 2003 e 2004.

Mesmo compreendendo que a imigração não constitui uma solução para o problema da inércia da demografia portuguesa, no entanto, salienta-se que constitui uma variável importante a ser considerada nas políticas públicas. Dessa forma, Portugal inclui-se na rota da imigração internacional de trabalhadores brasileiros. Isso porque após a década de 1990, alguns postos de trabalho, que não têm despertado o interesse da população autóctone, vêm sendo ocupados pela população imigrante.

As atuais projeções da população portuguesa apontam para uma redução bastante relevante até os anos de 2050. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, em 2000 o Índice de Envelhecimento (IE) da população portuguesa foi de 102 por cada 100 jovens (INE, 2004), conforme figura 3.

Figura 3
Índice de envelhecimento da população portuguesa por NUTS II.



Fonte: INE, 2000.

As Regiões do Alentejo e do Centro apresentam uma população bastante envelhecida, com índice de 173 e 131 de idosos por cada 100 jovens. A estimativa para 2050 é aumentar o envelhecimento da população. O censo de 2001 (INE) evidencia que o índice de envelhecimento aumentou de 45 para 103 idosos por cada 100 jovens, para o qual contribuiu a população feminina, cujo índice era, em 2001, de 122 idosas por cada 100 mulheres jovens. As projeções da população até 2050 apontam para uma diminuição significativa da população portuguesa. De acordo com este estudo, a população será de 7,5 milhões, no cenário mais pessimista, os 10,0 milhões no cenário otimista e os 9,3 milhões de pessoas no cenário mais provável, (INE, 2004). Isso devido à redução da taxa de fecundidade e do envelhecimento da população decorrentes dos avanços da ciência e da técnica, assim como das aspirações pessoais. Quanto ao sexo masculino, registra-se um índice menor, de 84 idosos por cada 100 jovens, um dado que de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE) "reflete a maior longevidade feminina".

Conforme ressalta Moreira (2003:265), "nestes territórios, femininos e envelhecidos, de que é exemplo a Região Centro, governantes e candidatos à governância, não podem menosprezar a sua importância, o que deve passar não só por uma adequação dos discursos, mas por uma atuação em termos de práticas políticas, pelo que é fundamental que as estratégias de desenvolvimento as contemplem". Nesse sentido, as políticas de desenvolvimento regional devem ter mais atenção aos processos de emancipação da mulher. Considera-se que esta continua desempenhando um papel relevante na família, entretanto em função das lutas pela emancipação, a população feminina deseja participar mais ativamente das dinâmicas territoriais e assumir postos de trabalhos antes dominados pelos homens. Pensar a ampliação da natalidade portuguesa deve-se levar em conta, também, as políticas públicas de apoio às famílias e de reagrupamento familiar.

Nesta linha de raciocínio, Fernandes (2001), ao analisar a demografia portuguesa, salienta alguns pontos para a reflexão:

1. A transição demográfica do século XX equilibrou o índice de mortalidade, entretanto a natalidade continuou decrescente. Nos países do Sul da Europa, o índice sintético de substituição tem estado abaixo do necessário para que ocorra o crescimento da população. A Itália ocupa o primeiro lugar, seguida da Espanha, de Portugal e da Grécia. A principal argumentação recai principalmente na ausência de políticas de apoio às famílias;

2. O segundo ponto que a autora relata refere-se ao decréscimo acentuado da população feminina, comprometendo as gerações futuras;

3. Por fim, a autora salienta a questão da imigração em Portugal como forma de manter o equilíbrio demográfico.

Os três pontos levantados pela autora elucidam a reflexão da importância das políticas públicas no desenvolvimento local e regional. Ao analisar a evolução da população portuguesa, por faixa etária, verifica-se que de 1990 a 2004 o total de nascimento do sexo feminino é decrescente. Além do índice sintético da população está abaixo do mínimo necessário para a substituição da população, (que é de 2,1 por mulher), o número de crianças do sexo feminino tem diminuído significativamente. Em 1990, no grupo etário de 0 a 14 anos existiam 51,14% do sexo masculino e 48,86% para o sexo feminino. Após 14 anos, houve um pequeno aumento da população masculina e uma redução da feminina, (figura 4).

Figura 4
Evolução da população segundo o sexo, na faixa etária de 0 a 14 anos.

Portugal/Ano	Total	Masculino		Feminino	
		N. Absoluto	%	N. Absoluto	%
1990	1 993 079	1 019 199	51,14	973 880	48,86
1991	1 928 457	986 507	51,16	941 950	48,84
1992	1 875 558	959 581	51,16	915 977	48,84
1993	1 836 005	939 259	51,16	896 746	48,84
1994	1 795 798	919 171	51,19	876 627	48,81
1995	1 756 829	899 952	51,23	856 877	48,77
1996	1 725 384	884 543	51,27	840 841	48,73
1997	1 696 681	869 743	51,27	826 938	48,73
1998	1 673 072	857 227	51,24	815 845	48,76
1999	1 654 678	847 178	51,20	807 500	48,80
2000	1 640 675	839 176	51,15	801 499	48,85
2001	1 640 160	839 589	51,19	800 571	48,81
2002	1 645 753	842 950	51,22	802 803	48,78
2003	1 648 996	845 208	51,26	803 788	48,74
2004	1 647 437	844 647	51,27	802 790	48,73

Fonte: INE, 2004.

A análise, com base nesta figura, é reforçada por autores que afirmam a necessidade de uma maior atenção do Estado quanto à demografia portuguesa e às políticas de reagrupamento familiar: Cravidão (1992); Fernandes (2001) e Moreira (Op. cit.). Fernandes ainda salienta que as políticas sociais de apoio à maternidade são muito tímidas. As políticas do Estado Português têm-se orientado para apoios aos jovens casais como, por exemplo, na aquisição de imóveis, ou aluguel de habitação. São também atribuídos apoios financeiros de modo a

proporcionar equidade no acesso às escolas maternas. O que não tem sido previsto é o planeamento da criação e implementação de creches e escolas que facultem maior acessibilidade às jovens mães trabalhadoras.

Parecem ser aqui as condições de acessibilidade a esse tipo de instituição de apoio à maternidade no qual reside um dos fatores de dificuldade para as famílias. Em alguns países da Europa, a exemplo de Luxemburgo, Inglaterra, França, Alemanha e Áustria já existem políticas públicas mais definidas quanto ao apoio às famílias. A França, a Alemanha e a Áustria, por exemplo, em função da baixa fecundidade, têm implementado políticas de apoio às famílias.

Nesse sentido, Portugal e, em particular, a Região Centro não constitui uma exceção, sobretudo em função do aumento do índice de envelhecimento e do baixo índice de substituição da população. Os elementos explícitos na análise anterior conferem as bases para a compreensão da cartografia da demografia portuguesa e da necessidade de ampliar os espaços de convivências e sociabilidades envolvendo a população imigrante em Portugal.

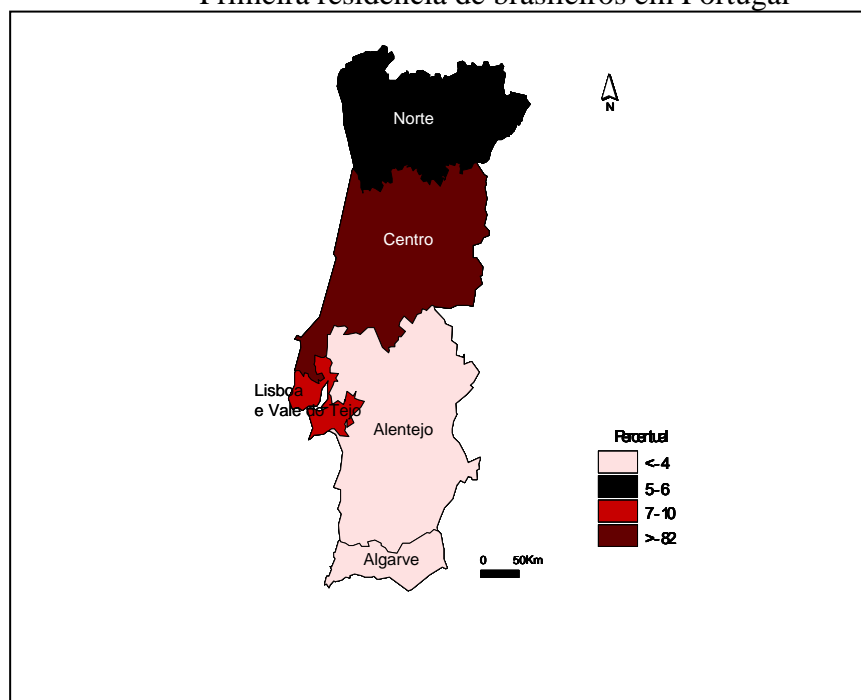
Convivências e relações matrimoniais

As boas relações de solidariedade, as convivências e os casamentos tanto culturais quanto interculturais são importantes para a adaptação das pessoas ao lugar de acolhimento. A pesquisa tem demonstrado que os trabalhadores brasileiros, ao chegarem em Portugal, procuram desenvolver laços de amizade no intento de tornar o ambiente de trabalho mais caloroso. O mundo do trabalho é construído a cada dia e constituído pelo encontro de várias culturas. Para Santos (2001), a própria dinâmica da globalização leva a uma grande turbulência das populações, entre continentes e dentro deles, um caldeamento nunca visto de culturas, línguas, religiões e manifestações existenciais.

Portugal, a partir da década de 1970, passou a ser palco de variadas culturas, com a chegada de diferentes povos: angolanos, caboverdianos, guineenses, indianos, moçambicanos, santomenses, e duas décadas após, enquanto grupos significativos quantitativamente, chegaram também brasileiros, ucranianos, moldávicos, romenos, checos, italianos, espanhóis, americanos, franceses, alemães, entre outros. A maioria destes povos chegou para trabalhar por conta de terceiros, alguns para implantar o próprio negócio e outros para descansar. Não somente Portugal, mas também outros países da Europa têm tirado proveito desta mão-de-obra barata e em grande quantidade.

No tocante às redes de solidariedades que dão suporte ao processo inicial da imigração, identificou-se que Coimbra, Figueira da Foz, Vila Nova de Poiares, Leiria e Mira, (na Região Centro), Lisboa (Região de Lisboa e Vale do Tejo), Porto, Braga e Chaves (Região Norte), Santarém e Portalegre (Alentejo) e Faro, no Algarve, constituem lugares de primeira residência dos inquiridos. A figura 5 revela o lugar de primeira residência dos inquiridos quando chegaram a Portugal. Destes, 81,5% escolheram a Região Centro; 9,6 % escolheram a Região de Lisboa e Vale do Tejo; 5,6% foram diretamente para a Região Norte e menos de 4% escolheram o Alentejo e o Algarve.

Figura 5
Primeira residência de brasileiros em Portugal

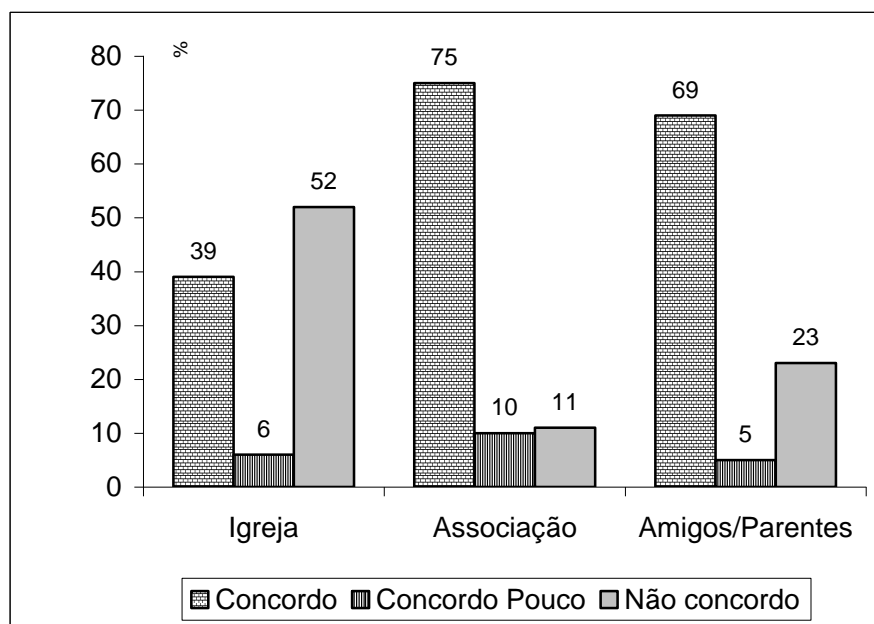


Fonte: Pesquisa de campo, 2005.

A literatura tem demonstrado que as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto continuam sendo lugares de atração da população imigrante. No entanto, outras regiões portuguesas, em função do envelhecimento da população, das redes sociais já estabelecidas e da baixa capacidade de atratividade dos serviços para o trabalhador nacional, têm contribuído para atrair os trabalhadores brasileiros. A pesquisa de campo acurou ainda que a maioria desses trabalhadores vem para as cidades localizadas próximas ao litoral.

No caso específico da área em estudo, na Região Centro esta questão é bastante visível. Como a maioria chegou após a década de 1990, década em que ocorreu a ampliação da população imigrante brasileira em Portugal, as redes sociais de parentesco e de amizade estão na base de entendimento sobre a escolha do lugar para morar e trabalhar. O que ratifica uma das hipóteses central da investigação: o passado colonial entre os dois países, a língua, a cultura aparentada e as redes sociais estão na base de sustentação da imigração brasileira na Região Centro de Portugal. Ao indagar-se quem o trabalhador brasileiro procurou quando chegou a Portugal, a figura 6 ilustra que em primeiro lugar tem destaque a associação de imigrante. Neste sentido, a Casa do Brasil, o SOS Racismo, e as demais associações de imigrantes constituem lugares onde os trabalhadores brasileiros buscam informações para uma melhor integração social. Em segundo lugar os amigos e parentes são procurados e em terceiro lugar a igreja.

Figura 6
Redes de solidariedades



Fonte: Pesquisa de campo, 2005.

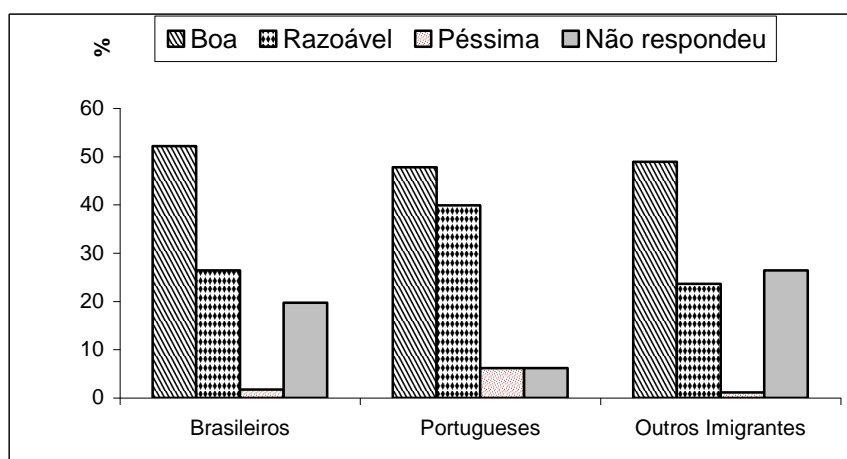
As respostas vêm reafirmar a importância das associações de imigrantes e das redes sociais no processo de acolhimento, conforme afirma o autor:

As redes assentes em laços familiares ou de conterraneidade proporcionam ajuda útil para arranjar abrigo, trabalho, assistência nos processos burocráticos e apoio perante dificuldades pessoais. Estas redes sociais tornam o processo migratório mais seguro e facilitado para os migrantes e as suas famílias (CASTLES, 2005:24).

No que diz respeito às relações e às convivências no ambiente de trabalho, o clima nem sempre é tão harmonioso, existem tensões e afetos, confiança e desconfiança. Os inquiridos afirmaram que era bom trabalhar com os ucranianos, moldávicos, guineenses, caboverdianos e portugueses, dentre outros, porém enfatizam que, nesse espaço, já existe muito ciúme, inveja e concorrência.

A figura 7 mostra o grau de sociabilidades entre os trabalhadores: brasileiros, outros imigrantes e os autóctones. No geral, o trabalhador brasileiro afirma ter uma boa relação com todos, sobretudo com os brasileiros. Aproveitam, também, para afirmar que é necessário ter muito “jogo de cintura” para uma convivência respeitosa, o que nem sempre acontece.

Figura 7
Convivências no ambiente de trabalho.



Fonte: Pesquisa de campo, 2005.

As relações de sociabilidades entre os brasileiros vão acontecendo também em outros espaços públicos e nos fins-de-semana reúnem-se em casas de amigos ou nas igrejas, sobretudo as evangélicas. Percebeu-se, na área de estudo, que estas igrejas constituem um lugar de apoio, convivência e sociabilidades da comunidade imigrante brasileira, tanto em Leiria, como em Coimbra. Nesse espaço, os trabalhadores se reúnem para a busca de paz espiritual, não se sentirem sozinhos, poderem conversar sobre assuntos inerentes ao emprego, suas vidas e sobre o Brasil. Tanto em Leiria, como em Coimbra, notou-se a presença, nessas igrejas, de pastores brasileiros, conforme explica um de nossos entrevistados.

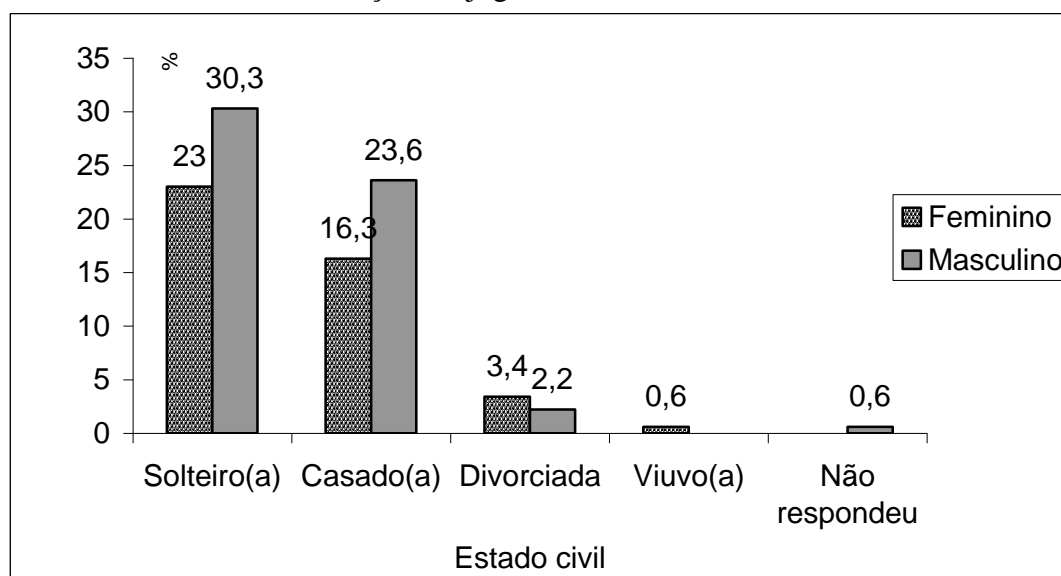
Moro em Leiria, cheguei em 2000. Sou de Governador Valadares, Minas Gerais. Tenho 30 anos. Minha família é muito pobre, tenho 9 irmãos, sou um dos mais velhos, estudei até o 8º ano. Depois tive que trabalhar para ajudar meus pais. Sinto muito orgulho do pai e da mãe. Aqui em Portugal comecei a frequentar a igreja Assembléia de Deus. Gosto muito. Nesta igreja reúnem-se muitos brasileiros, a maioria, inclusive o pastor também é brasileiro. Aqui um ajuda o outro, tem muitos jovens, é mais alegre. Eu gosto de tocar bateria, lá pronto eu me encontrei. As músicas evangélicas são diferentes, alegres, cantando estamos orando. Formamos uma família, por isso sou frequentador desta igreja (S, 2005).

O depoimento de S evidencia a importância da igreja na sociabilidade dos imigrantes e constitui um ponto de encontro para os imigrantes ou pessoas não integradas socialmente, como é o caso da população portuguesa de origem cigana. Na trajetória da pesquisa, foi identificado um casal brasileiro, oriundo de Minas Gerais, que se conheceram em Leiria. Após dois anos de convivência, S e J, resolveram casar-se. Como o custo da viagem é elevado, a família dos noivos não participou da cerimônia, mas o vestido de noiva foram os pais que enviaram do Brasil. Nessa igreja, encontraram-se muitos casais brasileiros, que se conheceram em Leiria. Após o casamento, aconteceu a recepção no salão da própria igreja, cujo lanche foi a própria comunidade brasileira que confeccionou e ofereceu aos noivos. Quando se está longe de casa, são os amigos e os conterrâneos que dão o suporte familiar, formando uma nova família. Quando se está inserido numa dessas “famílias”, um tenta ajudar o outro, com orientações, conseguindo emprego, emprestando dinheiro e outras formas de demonstração de solidariedade.

Ao participar de algumas celebrações no Distrito de Coimbra, constatou-se também que a maioria dos frequentadores é de origem brasileira e/ou outras nacionalidades, inclusive o pastor. Nesses encontros religiosos, estão presentes outros imigrantes e a população autóctone portuguesa com traços físicos de origem cigana.

Ao analisar a situação conjugal, a maioria dos inquiridos na Região Centro é composta de homens solteiros, (figura 8). Dos cônjuges, a maior parte é casado com brasileira. Desses, alguns constituíram família em Portugal e outros assim já os fizeram no Brasil. Na investigação, identificou-se apenas um caso de homem brasileiro casado com mulher portuguesa.

Figura 8
Situação conjugal de brasileiros



Fonte: Pesquisa de campo, 2005.

Quanto às brasileiras casadas no universo de estudo, detectou-se que a maioria é casada com cidadão português. No que se refere às relações conjugais entre brasileiros(as) e portuguesa(s), o trabalho de campo tem demonstrado três realidades. A primeira refere-se a brasileiros que chegaram em Portugal na década de 1980/1990, com uma melhor inserção no mercado de trabalho mais qualificado. O número de casamento com cidadã portuguesa era maior, ao passo em que a aceitação da família portuguesa era mais favorável. Isso pode ser explicado não só pelo pequeno número de brasileiros em Portugal, como também em função do nível social deles. A segunda constituída de brasileiros que chegaram no final da década de 1990. Esses têm se casado, com maior frequência, com brasileira. Percebeu-se o aumento do número de casamentos entre os brasileiros. Esta década é marcada pela grande afluência de brasileiros em direção a Portugal. A terceira está relacionada às relações matrimoniais entre cidadã brasileira e cidadão português. Identificou-se alguns casos de brasileiras casadas com cidadão português, mas que em função do estereótipo criado sobretudo em relação à mulher brasileira, a convivência com familiares portugueses é um pouco conflituosa, mas salienta-se a existência de casais que vivem bem integrados à família do cônjuge.

Para Machado (2003:79), dificilmente homens brasileiros e mulheres brasileiras casam-se entre si. O relacionamento com portugueses(as) ainda é preferível, muito embora as relações entre brasileiros e a família do cônjuge seja um pouco conflituosa. Mesmo concordando em parte com esta assertiva, vale salientar que deve-se considerar o tempo.

A convivência familiar é complexa. O casamento intercultural nem sempre acontece de forma tranquila. O cotidiano das convivências perpassa, em alguns casos, por situações delicadas e que nem sempre acontece isolado das relações familiares. Alguns estereótipos negativos direcionados à mulher brasileira nem sempre são superados pela família do cônjuge português. Isso, de certa forma, tem influenciado negativamente a vivência familiar.

Nesse aspecto, identificaram-se casos de brasileiras que, mesmo estando morando no país há mais de 15 anos, demonstraram dificuldades de integração e de serem felizes, sobretudo quando dependem financeiramente do marido e da família dele. A grande quantidade de brasileiros que migra para Portugal à procura de trabalho, pode contribuir para um olhar diminuído da comunidade autóctone. Como o racismo ainda é forte em relação à comunidade brasileira, tem diminuído o número de casamentos interculturais. A ausência da família, a solidão e a frieza nas relações cotidianas também têm contribuído para o aumento de casamentos entre os brasileiros.

Como o espaço de convivência é muito limitado, às vezes restrito a grupos de imigrantes, nos dias de folga ou nas festas de Natal, por exemplo, eles aproveitam para fazer um balanço da vida. Para isso, organizam um encontro festivo acompanhado de churrasco ou feijoada, música brasileira e muita bebida, não podendo faltar a caipirinha, no caso daqueles que não participam de igreja evangélica.

Igor Machado (Op. cit.:71) ao analisar o jogo da centralidade, salienta a importância da participação do trabalhador brasileiro numa rede social, assim como o papel dos brokers na formação de uma identidade-para-o-mercado, “são esses brokers que controlarão a vida social e darão o tom de brasilidade exotizada na vida cotidiana portuguesa”. Os brokers são brasileiros que estão a mais tempo em Portugal e que têm um papel chave na efetivação da rede social (MACHADO, Op. cit.).

No intuito de conhecer os espaços de sociabilidades e confraternização dos trabalhadores brasileiros, participou-se de várias atividades sociais. Em Junho de 2005, organizou-se um almoço, num dia de Domingo, quando muitos brasileiros estavam presentes. Usando a expressão de Machado (Op. cit.), *o evento foi organizado por um “brokers”* que é casado com uma brasileira e tem dois filhos. Havia muita comida, bebida e música brasileira em volume alto. Nesses encontros, o churrasco constitui o prato principal. Cada participante contribuiu com alguma coisa, conforme destaca o autor:

...o circuito de churrascos na casa das pessoas marca o padrão de sociabilidade: onde as relações mais estreitas acontecem: ajudas mútuas, doação de presentes, empréstimos de dinheiro, oferecimento de empregos, abrigo nas casa, apoio emocional (MACHADO, Op. cit. :77).

Nessa reunião, aproveitam para descontrair, conseguir namorado(a), trocar experiências, mas também para orientar e/ou chamar a atenção daquele que não está trilhando pelo caminho certo. Nesse dia, presenciou-se um clima tenso, quando o líder da comunidade, o mais velho do grupo, por nome P, chamava incisivamente a atenção de um rapaz, de 20 anos, que teria contraído uma dívida e não havia cumprido o compromisso. O rapaz ouvia as reclamações com a cabeça baixa e dizia que iria resolver aquela situação. Percebeu-se que a comunidade tinha uma preocupação com a imagem do brasileiro. Andar de forma correta constitui o lema do grupo. Esses encontros têm vários significados, tais como aliviar as tensões do dia-a-dia no mundo do trabalho, refúgio contra o racismo, matar a saudade do Brasil, apoio frente à situação de ilegalidade e sobretudo o aprendizado de como construir boas relações de convivências e de solidariedades.

Frequentou-se de outros eventos de confraternização “luso-brasileiro”. No Natal de 2005, participou-se da ceia com uma família brasileira e outra portuguesa. O casal é

lusobrasileiro. Ele é angolano de nacionalidade portuguesa (os pais, a serviço do governo português, migraram para Angola) e ela é brasileira. O outro casal era português. Foi servida na ceia o jantar tradicional português, com bacalhau de natas, coelho à caçador, peru, saladas, sonhos, outras sobremesas e muito vinho. Cada família preparou um prato típico de sua região.

Após reflexão sobre a ceia de natal, conversou-se muito descontraidamente sobre Portugal. As duas famílias avaliaram muito mal o futuro do país. Para eles, a maioria dos governantes pensa apenas numa pequena elite, que tem o apoio do governo português. Falaram do desemprego, inclusive os filhos deles estavam desempregados e estariam migrando para a França. Enfatizaram que o país estava cheio de brasileiro e que os empregos não davam para os de cá. O sonho do casal luso-brasileiro é migrar para a Bélgica. A brasileira por iniciais D afirmou estar em Portugal há mais de 25 anos, é cozinheira, trabalha muito nos restaurantes. Observou-se também que a maioria das famílias luso-brasileira entrevistadas não tem muito contato com os trabalhadores brasileiros. Alguns relataram que preferem manter o afastamento. Isso pode ter uma relação como o estereótipo negativo difundido pela imprensa, o que por sua vez tem dificultado a integração dos trabalhadores imigrantes, conforme reflexão:

Geralmente, o imigrante só é notícia pela negativa. Se traficou droga, se roubou, se prostituiu ou matou, tem direito às primeiras páginas dos jornais e honras de aberturas dos serviços noticiosos com fotografia, bilhete de identidade e, sobretudo, com nacionalidade” (ALCESTINA In: CÁDIMA et al. 2003: 101).

A forma de representar uma comunidade imigrante poderá favorecer ou dificultar a integração dessa população na sociedade de acolhimento. As imagens mentais e as representações são importantes porque, por um lado, podem aproximar a própria comunidade e, por outro lado, podem discriminar e excluir as pessoas. No caso dos brasileiros, criou-se uma imagem relacionada à alegria, à malandragem e à prostituição. Isso tem criado fissuras na sociedade receptora, assim como existe uma generalização dessas imagens para todos os integrantes da comunidade.

Alguns trabalhadores brasileiros são explorados por indivíduos da própria comunidade, ou empresários autóctones, na Região Centro. Existem casos de brasileiros que já estão em Portugal há mais tempo que aproveitam para explorá-los, sobretudo os recém-chegados. Cobram valores monetários para conseguir um emprego, mas também têm muitos brasileiros que fazem questão de ajudar, como se fosse uma retribuição pela ajuda que receberam na chegada. Por fim, evidencia-se a importância das relações de convivência e dos laços de solidariedade para uma boa integração dos imigrantes nos lugares de acolhimento.

Considerações

As migrações internacionais de trabalhadores brasileiros decorrem de fatores econômicos e psicológicos. A desestruturação interna, a imposição das regras da globalização e a vontade de querer vivenciar outras experiências longe de casa foram identificadas como válvulas propulsoras dessa mobilidade territorial. Constatou-se o aumento de mulheres submetendo-se a uma migração internacional.

A convivência familiar é complexa. O casamento intercultural nem sempre acontece de forma tranquila. O cotidiano das convivências perpassa, em alguns casos, por situações delicadas e que nem sempre acontece isolado das relações familiares. Alguns estereótipos

negativos direcionados à mulher brasileira nem sempre são superados pela família do cônjuge português. Isso, de certa forma, tem influenciado negativamente a vivência familiar. Como o racismo ainda é forte em relação à comunidade brasileira, tem diminuído o número de casamentos interculturais e aumentado o número de casamentos entre os brasileiros. A ausência da família, a solidão e a frieza nas relações cotidianas também têm contribuído para o aumento de casamentos entre os brasileiros.

Com relação às brasileiras casadas no universo de estudo, detectou-se que a maioria é casada com cidadão português. No que se refere às relações conjugais entre brasileiros(as) e portuguesa(ês), o trabalho de campo demonstrou três realidades. A primeira refere-se a brasileiros que chegaram em Portugal na década de 1980/1990, com uma melhor inserção no mercado de trabalho mais qualificado. O número de casamento com cidadã portuguesa era maior, ao passo em que a aceitação da família portuguesa era mais favorável. Isso pode ser explicado não só pelo pequeno número de brasileiros em Portugal, como também em função do nível social deles. A segunda constituída de brasileiros que chegaram no final da década de 1990. Esses têm se casado, com maior frequência, com brasileira. Percebeu-se o aumento do número de casamentos entre os brasileiros. Esta década é marcada pela grande afluência de brasileiros em direção a Portugal. A terceira está relacionada às relações matrimoniais entre cidadã brasileira e cidadão português.

Por fim, identificou-se alguns casos de brasileiras casadas com cidadão português, mas que em função do estereótipo criado sobretudo em relação à mulher brasileira, a convivência com familiares portugueses é um pouco conflituosa, mas salienta-se a existência de casais que vivem bem integrados à família do cônjuge. Os trabalhadores afirmaram sobre a existência de uma convivência multiétnica respeitosa, entretanto reafirmam da necessidade de ampliação de políticas públicas de integração da população imigrante e de combate ao xenofobismo em Portugal. A maioria dos trabalhadores entrevistados tentam criar um modo de vida social saudável e reconstruir novas amizades e relações matrimoniais.

Bibliografia

- Abellán, Antonio et al. *La poblacion del mundo*. Síntesis, Madrid, 1998.
- Anderson, Kay et al. *Handbook of Cultural Geography*. 1ª edição, Sage Publication Ltd, London, 2003, p. 570.
- André, João Maria. *Diálogo intercultural, utopia e mestiçagens*. Em tempos de Globalização. Ariadne, Coimbra, 2005.
- Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. *Imigração em Portugal*. ACIME, Porto, 2003.
- Baganha, M. I. e Marques, J. C.. *Imigração e política*. O caso português. Fundação Luso-Americana, Lisboa, 2001.
- Baganha, M. Ioannis. *Imigrantes lusófonos em Portugal*. Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra, U.C, Coimbra, janeiro, 2005, pp.52 e 53.
- Baganha, Maria Ioannis. Política de imigração: a regulação dos Fluxos. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 73, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 2005, pp.29-44.
- _____. *A cada Sul o seu Norte: dinâmicas migratórias em Portugal*
In: Boaventura, S. S. Globalização, Fatalidade ou Utopia? Afrontamento, Porto, 2001, pp. 135-159.
- Blunt, Alison & Mcewan, Cheryl. *Postcolonial Geographies*. Continuum, New York/London, 2002.

Braziel, Jana Evans & Mannur, Anita. *Theorizing diaspora. A reader*. Blackwell Publishing Ltda, Oxford, 2003.

Castles, Stephen. *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios: dos trabalhadores convidados às Migrações Globais*. S.I., Fim de Século, Lisboa, 2005.

Castles, Stephen e Miller, Mark J. *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. Third Edition, Macmillan, Londres, 2003.

Cravidão, F. D. A População e o Povoamento da Gândara. (Génese e Evolução), Dissertação de doutoramento em Geografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Comissão da Região Centro, Coimbra, 1992.

Fernandes, Ana Alexandre. *A questão demográfica: do declínio da fecundidade a um debate sobre política*. Demografia & Dinâmicas, Boletim da Associação Portuguesa de Demografia, Número 1, p. 2, Novembro de 2001.

Instituto Nacional de Estatística. *Recenseamento geral da população*. INE, Lisboa, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006.

Machado, Igor José de Reno. *Cárcere Público. Processo de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese de doutoramento em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, S. Paulo, 2003.

_____. Considerações sobre a construção da identidade brasileira em Portugal. In: Conferência Internacional Migrações Transatlânticas e transeuropeias, Lisboa, 2005.

Moreira, Claudete. *Espaço(s) e Ambiente(s). Trajectórias Femininas na Região Centro* In: Caetano, Lucília, *Território, Ambiente e Trajectórias de Desenvolvimento*, Centro de Estudos Geográficos, Coimbra, 2003, p.259 – 284.

Organização das Nações Unidas. Relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações internacionais. Traduzido por Elsa Oliveira e Carlos Cruz, FCG, Portugal, 2005, pp.96.

Patarra, Neide Lopes. *Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 20, n. 57, São Paulo, 2006, pp. 7 – 24.

Papastergiadis, Nikos. *The turbulence of migration. Globalization, desterritorialization and hybridity*. Polity Press, Cambridge, 2000, p.242.

Portes, Alejandro. *Migrações Internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*. Celta, Oeiras, 1999.

_____. *Estudos sobre as migrações contemporâneas: transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*. Fim de Século, Lisboa, 2006.

Relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais. *As migrações num mundo interligado: novas linhas de acção*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005.

Rodrigues, Maria Graciete. *Imigração e Mercado de Trabalho*. Cadernos Sociedade e Trabalho, nº 2, Celta, Lisboa, 2002.

Rosa, Alexandre *et al.* *A imigração em Portugal*. SOS Racismo, Lisboa, 2002.

Rosa, Maria João Valente *et al.* *Contributos dos Imigrantes na Demografia Portuguesa*, ACIME, Porto, 2004, pp.192.

Santos, B. de S. *Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença*. Oficina nº 135 do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1999.

Santos, M. (2001). *O novo século das luzes*. Jornal Folha de São Paulo, caderno Mais, 14 de Janeiro, São Paulo.

Santos, M.G.C. - *O Migrante brasileiro e suas trajetórias geográficas* In: Anais do I Seminário de Investigadores e Estudantes Brasileiros em Portugal. APEB-Coimbra, Coimbra, 2004.

_____. *A comunidade brasileira que cria laços*. Revista Rua Larga, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006.

Sales, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. Cortez, São Paulo, 1999.

_____. *Hard-Working newcomers: brasileiros imigrantes nos Estados Unidos* In: Barreto, António (org). *Globalização e Migrações*, ICS, Lisboa, 2005.

Santos, M. *O novo século das luzes*. Jornal Folha de São Paulo, caderno Mais, 14 de Janeiro, São Paulo, 2001.